

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"**

**José Diniz Junior**

Otorrinolaringologista, docente do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), chefe da Unidade de e-saúde do Hospital Universitário Onofre Lopes (Huol/Ebserh). [dinizottrino@gmail.com](mailto:dinizottrino@gmail.com)

**Ilana Azevedo de Amorim**

Discente do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). [ilanaamorima@gmail.com](mailto:ilanaamorima@gmail.com)

**Ana Luiza Braga de Macedo Lombardi**

Pediatra, docente do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). [analuzabragaml@gmail.com](mailto:analuzabragaml@gmail.com)

**Rosiane Viana Zuza Diniz**

Cardiologista, docente do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), chefe da Unidade de Gerenciamento das Atividades de Pós-Graduação do Hospital Universitário Onofre Lopes (Huol/Ebserh). [rosianevzdiniz@gmail.com](mailto:rosianevzdiniz@gmail.com)

**Telemedicina na graduação: uma oportunidade durante a pandemia**

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) é uma das principais instituições de ensino superior no Estado, tendo robusta contribuição para o desenvolvimento científico do Nordeste brasileiro, uma vez que vem sendo apontada como uma das melhores universidades da região, sobretudo nos últimos cinco anos.

Seu curso de Medicina, eminentemente tradicional, vem ao longo dos últimos dez anos em constante aprimoramento da formação integrando inovações ao currículo e inserindo estratégias ativas de ensino e avaliação do estudante. Nesse contexto, a inserção de práticas e avaliação de desempenho tem sido observada com maior frequência nos diversos componentes curriculares, especialmente após o início do programa de pós-graduação em ensino na saúde. Este seleciona preceptores e docentes da área da saúde e tem o objetivo de formar um mestre com aptidão para o ensino/preceptorial, fortalecendo a formação científica dos profissionais da área da saúde, incentivando o uso do método e evidências científicas para a tomada de decisões na gestão do processo de trabalho e do cuidado.

Entretanto, no auge do dinamismo das iniciativas para promover a aprendizagem significativa dos estudantes, a valorização de atividades práticas supervisionadas e as avaliações sob sua observação direta, surge a pandemia do novo coronavírus. Com ela, se impôs o seguro distanciamento social e, conseqüentemente, um novo desafio para a formação, representada pela necessidade de adoção do ensino emergencial remoto como modalidade

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”**

prioritária de ensino na graduação, residências em saúde e pós-graduação stricto sensu.

Assim, na expectativa de manter a formação qualificada durante a pandemia e adequar a matriz de competência da graduação do curso de Medicina às necessidades atuais, surgiu a ideia de antecipar a oferta do componente curricular optativo intitulado Telemedicina, aprovado pelo colegiado do curso e inicialmente previsto para ser ofertado em 2021. Este componente tem como objetivos apresentar, atualizar e difundir conhecimentos gerais acerca de telemedicina, garantindo que os estudantes sejam capazes de executar técnicas e aplicações das Tecnologias Digitais da Informação e das Comunicações (TDICs) com ética em saúde. Trata-se de componente de 45 horas, com encontros síncronos e assíncronos, inserido em grupos especiais de interesse (Special Interest Group – SIGs), da Rede Universitária de Telemedicina (Rute) e envolvendo docentes de três diferentes departamentos e especialidades (Cardiologia, Otorrinolaringologia e Pediatria) atuando de forma interdisciplinar.

Um dos resultados que já emergem dessa iniciativa foi a ideia de postagem nas redes sociais para difundir conceitos e aplicações da telemedicina. A publicização desse conteúdo foi idealizada a partir de um problema observado por uma discente que, ao cursar o componente, percebeu como a telemedicina era desconhecida por seus familiares, assim como por muitos colegas de curso. Considerando a relevância do tema, tanto para a formação médica quanto para o esclarecimento da população no que concerne à potencialidade da ferramenta, a divulgação em mídias sociais surgiu como uma estratégia importante de educação em saúde.

Como resultado desta reflexão, foram elaborados os seguintes conteúdos para as postagens:

A Telemedicina é a utilização de tecnologia de informação e comunicação visando aprimorar a educação e assistência em saúde. É sempre uma inovação sustentável e segura que procura otimizar ou viabilizar processos que não podem ser realizados pelos métodos convencionais (WEN, 2017). Ou seja, ela pode ser utilizada para consulta médica a distância, incluindo a prescrição de medicamentos, segunda opinião de outro profissional, esclarecimento de eventuais dúvidas sobre o tratamento aos pacientes, bem como educação em saúde ou simplesmente a indicação a um paciente de que local de atendimento ele deve procurar, por exemplo. Sobre esse tema, tentarei esclarecer nesse post possíveis dúvidas de quem não é da área da saúde.

***Então telemedicina significa ser atendido por um médico pela internet?***

Também. Isso é o Teleatendimento, uma modalidade da telemedicina que ganhou muita força no período de isolamento social que vivemos devido ao Covid-19. Pois, para evitar o

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"**

deslocamento até locais de atendimento, como hospitais, alguns médicos optam por atender de forma remota garantindo a segurança do paciente que pode ser contaminado ao procurar um serviço de saúde durante a pandemia. Contudo, a telemedicina também abrange a teleducação médica, que é uma modalidade na qual profissionais médicos dialogam outros profissionais ou estudantes.

***Como o médico consegue me atender sem estar perto de mim?***

Quanto a essa dúvida, é legal esclarecer que a telemedicina surgiu com a ideia de levar acesso à saúde a pacientes em áreas remotas e longe de centros de tratamentos e hospitais, aqui em nosso Estado, por exemplo, com pessoas nas plataformas de petróleo. E, não, o teleatendimento não substitui a necessidade de realizar exames mais específicos para fechar algum diagnóstico. Lembrando que o atendimento presencial ainda é o padrão-ouro de atendimento para a medicina e o teleatendimento poderá ocorrer na impossibilidade deste.

***O conselho liberou esse tipo de atendimento ao público?***

É importante ressaltar que o Conselho Federal de Medicina (CFM) já regulamenta a telemedicina desde 2002, e mais recentemente fez acontecer a prescrição médica, junto com o Conselho Federal de Farmácia e o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). Mas, sim, são três as modalidades permitidas pelo CFM atualmente: 1) o Telemonitoramento, que permite ao médico supervisionar ou orientar pacientes ou membros das equipes de saúde quanto ao monitoramento a distância de parâmetros da doença; 2) a Teleorientação, que permite a realização a distância de orientação e encaminhamento de pacientes em acompanhamento ambulatorial ou pós-alta hospitalar; e 3) a Teleinterconsulta, que permite a troca de informações e opiniões exclusivamente entre médicos, para auxílio diagnóstico ou terapêutico. Contudo, essas práticas, que foram muito influenciadas pela realidade do Covid-19, não têm garantia de continuidade permitida no período pós-Covid. Somente foi declarado pelo CFM que os pacientes que estão sendo atendidos agora poderão continuar sendo atendidos pelos seus médicos internautas quando tudo isso passar.

***Que mudanças isso pode trazer? A medicina mudou?***

Muitas mudanças são possibilitadas pela telemedicina. Ela é um verdadeiro incentivo à imaginação! É interessante imaginar, por exemplo, que agora qualquer pessoa pode ser consultada por um médico de uma região, ou país, muito distante de você. Além disso, alguns materiais estão sendo desenvolvidos (como camisas inteligentes) para possibilitar o monitoramento de sinais vitais dos pacientes à distância! Talvez em um futuro próximo muitos

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”**

pacientes possam ter, por exemplo, alguns sinais como a frequência cardíaca e a pressão arterial monitorados em tempo real por seu médico da estratégia da saúde da família mediante o uso de um objeto inteligente. A telemedicina abre horizontes de possibilidades, desde que tenha sigilo e confidencialidade dos dados!

***Como ter uma medicina humanizada na telemedicina? Isso é possível?***

A formação humanística na medicina é muito debatida nos dias de hoje. Cada vez mais têm-se valorizado o paciente como pessoa, com seus conhecimentos, medos e condições próprias de vida. Então, como isso poderia ser respeitado na realidade da telemedicina e do teleatendimento?

Não faço ideia de como iremos encarar de maneira saudável essa nova forma de se fazer medicina, mas tenho uma certeza: se algo envolve produzir emoções em outros seres humanos, tocar almas, isso precisará do olhar.

Assim, para que a telemedicina seja eficiente, ela precisará, de certa forma, personalizar o atendimento e permitir acesso à realidade do paciente. Precisa “tocar” e acolher o paciente. Isto é potencializado pelas modalidades em que o médico “encontra” o paciente no ambiente virtual. Precisa ter arte.

A iniciativa relatada aqui corrobora com o descrito por Coutinho e Lisbôa (2011): “Para quem tem acesso às novas tecnologias, não existem barreiras de tempo e de espaço para que se comuniquem. Uma nova era que oferece múltiplas possibilidades de aprender, em que o espaço físico da escola, tão proeminente em outras décadas, neste novo paradigma, deixa de ser o local exclusivo para a construção do conhecimento e preparação do cidadão para a vida ativa”.

A realidade de reestruturação da sociedade contemporânea para enfrentamento do “novo normal”, na qual será necessário desenvolver novos padrões de comportamento, pede a união da interação digital com as antigas práticas presenciais. Não só por necessidade, como medida da saúde pública, mas porque a educação flexível possibilita um acesso mais amplo à informação, democratizando o conhecimento, e torna o discente um agente ativo no seu processo educacional. Então, o relato de uma interação discente que motivou interesse e engajamento por meio de ferramentas digitais pode indicar um pequeno passo no caminho de adaptabilidade à mudança.

Têm sido inúmeras as lições aprendidas com esta experiência. Trabalhar de forma síncrona é possível ainda que tenhamos docentes de diferentes departamentos e expertise, bem como discentes em diferentes níveis no curso de Medicina. Os encontros síncronos representam oportunidade única para

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”**

não somente humanizar a estratégia didática como também permite aprofundar questões específicas que emergem do diálogo.

Tais fatos representam aprendizagem significativa e certamente despertam no estudante a curiosidade e desejo por difundir o tema abordado. A iniciativa deste relato é um exemplo concreto da realização de atividades síncronas proporcionando uma significativa imersão e apropriação discente dos assuntos sobre telemedicina abordados.

O modelo de desenvolvimento deste componente está sendo aprimorado ao longo do semestre suplementar em que o componente se encontra e será relevante para a continuidade do mesmo no período “novo normal” que estamos por enfrentar.

CFM. [Telemedicina: CFM reconhece possibilidade de atendimento médico à distância durante o combate à Covid-19.](#) 19 mar. 2020.

COUTINHO, C.; LISBÔA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XX. *Revista de Educação*, v. 18, n. 1, p. 5-22, 2011.

DINIZ Jr, J; BERTIM, M. F.; VALENTIM, R. A. M.; DINIZ, R. V. Z. O Grupo Especial de Interesse em educação médica como estratégia facilitadora da aprendizagem colaborativa à distância para os profissionais da saúde. *J Bras Tele*. v. 3, n. 1, p. 226-228, mar. 2014.

MELCHERT, C. R. M. [A educação a distância como instrumento de tecnologia social: relações com a educação sociocomunitária.](#) 2016. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2015.

WEN, C. L. *Telemedicina e graduação médica*. Palestra proferida na UFRN, Natal, 28 out. 2017.

Recebido: 30 de junho de 2020.